

Jornalismo na internet e territorialidades contemporâneas: reflexões acerca da experiência do capixaba Século Diário

Priscila Bueker Sarmento

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob a linha de pesquisa Comunicação e Poder, e Integrante do Núcleo de Pesquisa e Ação Observatório da Mídia: direitos humanos, políticas, sistemas e transparência (UFES/CNPq). Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, e MBA em Jornalismo Empresarial e Assessoria de Imprensa, ambos pela Estácio de Sá. Email: pbueker21@yahoo.com.br

José Antonio Martinuzzo

Professor Associado do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pós-doutorado (2014) em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense. Graduado em Comunicação Social Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (1992), tem Mestrado (2003) e Doutorado (2006) em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: martinuzzo@hotmail.com

Resumo

Este estudo analisa, a partir de algumas características conceituais de espaço, a territorialidade do jornal on-line capixaba Século Diário. Com a redação instalada em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, tem pautas jornalísticas e concorrência estritamente regionais, ou seja, com marcada vinculação territorial físico-geográfica, mas sua circulação, consumo e recirculação se dão no território simbólico da comunicação da sociedade em rede. A partir desse caso, o objetivo é pensar a intercessão entre comunicação, jornalismo e territorialidades na contemporaneidade.

Palavras-chave

Comunicação; Territorialidade; Ciberterritorialidade; Jornalismo, Século Diário.

Abstract

This study proposes to think, within some conceptual characteristics of space, the territoriality of the online newspaper capixaba Século Diário. With the newsroom installed in Vitória, capital of the state of Espírito Santo, it has journalistic guidelines and strictly regional competition, that is, with a marked physical-geographical territorial link, but its circulation, consumption and recirculation take place in the symbolic territory of the communication in network society. From this case, the goal is to think about the intercession between communication, journalism and territorialities in contemporary times.

Keywords

Communication; Territoriality; Cyberterritoriality; Journalism; Século Diário.

Introdução

Se o homem como ser social relaciona-se por meio de conexões de poder, no mundo capitalista globalizado, com circulação ágil de mercadorias e informações, as relações humanas são sedimentadas dentro de novas configurações de tempo e espaço, mediadas pela comunicação e suas tecnologias, fortemente controladas, portanto, por quem domina esse campo na sociabilidade contemporânea.

A territorialidade, como dinâmica experiência humana do território, deve ser considerada, de acordo com Raffestin (apud SAQUET, 2015), ao mesmo tempo produto e criação da história. A articulação tempo e espaço, portanto, é cultural, sendo sensível aos

movimentos socioeconômicos, políticos, tecnológicos e culturais. Temos, dessa sorte, novidades a investigar no tocante às territorialidades.

O geógrafo Milton Santos (2001) já prenunciava na obra “*Por uma outra globalização*” que a preponderância do dinheiro, dentro de uma perversidade sistêmica, acirraria as desigualdades sociais num espaço geográfico compartimentado e fragmentado por esta lógica. Solidariedade e cooperação seriam as primeiras vítimas desta era, caso a mesma não se submetesse a uma crítica social.

Nessa direção, este artigo ensaístico pretende a uma análise de um campo específico dessa nova sociabilidade, as territorialidades, especialmente as suas conexões com o jornalismo na internet.

A globalização econômica, como nova etapa de internacionalização do capital, acirrada mais amplamente na década de 1990 e sustentada por tecnologias informacionais em rede, por exemplo, passou a produzir novos sentidos de território.

Pertenças anteriormente ancoradas em bases notadamente geográficas e físicas passaram a se configurar por meio de outros espaços, como os comunicacionais, articulados por conexões midiáticas.

Quando as fronteiras físicas do Estado-Nação, claramente delimitadas, passam a conviver com fluxos digitais de informação, a vida em rede emerge, mixando o global, o nacional e local ao mesmo tempo, num espaço multidimensional de interação sociocomunicacional.

Castells (2016) caracteriza este tempo como sociedade em rede – estrutura social construída em torno das tecnologias da informação e comunicação (TIC), no âmbito da globalização e do capitalismo informacional.

Se os territórios se transformam e outras formas de pertença se estabelecem, podemos nos questionar quais territorialidades se conformam no tempo da vida em rede. Lembrando que, para Saquet (2015), as territorialidades podem ser entendidas em quatro níveis correlatos: relações sociais e suas dinâmicas; apropriações simbólicas ou concretas do espaço geográfico; comportamentos, projetos e costumes; e práticas espácio-temporais pluridimensionais, viabilizadas por mediadores materiais ou imateriais.

Assim, podemos falar de infoterritórios e infoterritorialidades, que se “concretizam-se por meios de acessos, produção e compartilhamentos daquilo que nos afeta simbolicamente no âmbito informacional, conformando uma extensão significativa de alianças e pertencimentos socioeconômicos e político-culturais mediatizados” (MARTINUZZO, 2016, p. 12-13).

Segundo SANTOS (2001), ao analisar criticamente a globalização, o neoliberalismo seria a própria política da técnica e não do republicanismo, do domínio de poucos, o que significaria a própria morte da Política, num sistema de exclusão, pois esta “agora é feita no mercado” (p. 67) e não para o bem-estar de todos.

As técnicas digitais, chamadas por Santos de doces e dóceis, teriam o uso hegemonicamente perverso, pois, com metáforas da emancipação e da liberdade, estariam sendo utilizadas insidiosamente para dominar e esvaziar o sentido da vida política. Os infoterritórios têm o chão marcado por um uso perverso dos seus domínios.

Neste contexto de múltiplas territorialidades, as presenciais e as informacionais, como se localizam as atividades jornalísticas, especialmente aquelas experimentadas em rede? A partir de uma revisão de literatura e de estudo de caso do jornal *on-line* capixaba Século Diário, discutimos este tema.

Territorialidades contemporâneas

Conforme estudos de Martinuzzo (2016), a etimologia da palavra ajuda na compreensão do que seja uma territorialidade. O sufixo “dade”, aposto a um adjetivo – no caso, territorial + dade –, forma um substantivo que indica situação, condição, estado. Assim, territorialidade remete à experiência, circunstância, organização, vivência do território, que é, em linhas gerais, a porção do espaço apropriada, utilizada, vivida por todos nós.

A territorialidade é a vida organizada num dado território, experiência que é dinâmica e permanentemente atualizada pelos movimentos sociais, econômicos, políticos e culturais. É a vida inscrita no chão da história em todos os seus aspectos – é a civilização ou a cultura aplicada, recortada aos territórios diversos e múltiplos que o homem vem inventando desde os princípios, num movimento que para sempre o acompanhará na arte de existir, considera.

E aqui as territorialidades se cruzam dramaticamente com a comunicação, pois não há vida, ou território, que se institua sem as mediações dos processos comunicacionais, seja para estabelecer as hegemonias fundantes de uma comunidade (poder) – um bairro, um associação, uma cidade, um Estado, um país, um continente, um planeta –, seja para tecer o dia a dia das relações humanas e suas idiosincrasias cotidianas (práticas).

Assim dizendo, parece que as territorialidades dizem respeito a territórios geográficos, porções de terra demarcadas por leis, fronteiras, costumes, muros, etc. São sim, mas não apenas, observa Martinuzzo (2016).

É preciso entender as dinâmicas territoriais da atualidade capitalisticamente global e informacional, que ultrapassam os limites do geográfico físico-material e chegam a múltiplas formas de pertencimento que se constituem por vínculos comunicacionais (mídias, comunidades de interesse, redes, narrativas etc.), incluindo o ciberespaço, recomenda o autor.

Nesse sentido, é preciso dizer que mesmo os territórios em seu sentido mais estrito, ou seja, de porção de terra demarcada pela diferença com relação a um outro que está do outro lado, estão sendo convulsionados pela lógica da globalização e dos seus ditames e efeitos – são os fenômenos já citados e bem decantados para os estudiosos das “multiterritorialidades”, das “transterritorialidades”, das “desterritorializações”, das “reterritorializações”, etc.

Mas, como salientado por Martinuzzo (2016), aqui se destaca a ocorrência dos territórios informacionais, pois a comunicação faz mais do que participar da produção de territórios e da articulação das territorialidades; ela mesmo se torna o suporte destes, a paisagem, o espaço onde eles se produzem.

Falando da experiência midiaticizada da vida, fundada na sociabilidade conectada e mobilizada por fluxos comunicacionais, o que inclui a internet, mas também todas as demais mídias *off-line*, compondo a superfície a partir da qual retiramos as nossas referências de realidade, podemos conceituar infoterritórios e infoterritorialidades, sempre de acordo com Martinuzzo (2016).

Aqui a paisagem onde se insere a vida (território e territorialidade) é composta por narrativas e trocas comunicacionais instauradoras de comunidades de sentido, coletivos de imaginários peculiares, redes de ideias e opiniões, pertencimentos intelectivos etc., conformando territórios e territorialidades simbólicas, mas, nem por isso, menos concretas e articuladoras de uma peculiar existência material e sensível nos tempos hodiernos, avalia.

Martinuzzo (2016) entende infoterritório como uma extensão simbólico-cognitiva constituída comunicacionalmente nos limites das interfaces midiaticizadas viabilizadas por intermédio de redes de mídias *on* e *off-line* e conteúdos informacionais por elas e/ou nelas produzidos, distribuídos e compartilhados.

As infoterritorialidades, geradores e mobilizadores dos infoterritórios, concretizam-se por meios de acessos, produção e compartilhamentos daquilo que nos afeta simbolicamente no âmbito informacional, conformando uma extensão significativa de alianças e pertencimentos socioeconômicos e político-culturais mediatizados, descreve o autor.

Segundo Martinuzzo (2016), esses infoterritórios/infoterritorialidades são demarcados pelo alcance dos compartilhamentos e conexões nas redes digitais participativas e/ou pelas mentalidades (afetiva, cognitiva, volitiva) fixadas pelo acesso a conteúdos comunicacionais comuns, criando-se uma dimensão simbólica específica, imersiva e significativa para um conjunto de indivíduos, que experimentam/produzem uma territorialidade idiossincrática no espaço informacional.

De acordo com o autor, dadas as marcas da vida mediatizada atual, tendo a internet posição decisiva na tessitura cotidiana, seja por suas conexões, seja por seus conteúdos, fundamentalmente circulantes via redes sociais digitais, é preciso um olhar atento ao ciberespaço, para nele enxergar territórios e territorialidades.

Assim, para Martinuzzo, se pode falar de ciberterritórios e ciberterritorialidades, afetos à vivência articulada no ciberespaço, uma ambiência surgida da interconexão computacional mundial, numa rede de relações interpessoais mobilizadas pela comunicação digital.

Esses conceitos estão relacionados às experiências humanas suportadas comunicacionalmente no ciberespaço, inscrevendo territórios e territorialidades na teia das redes digitais, bordejadas pelos limites das conexões informáticas e das trocas dialógicas, a partir dos mais diversos interesses. Os territórios geográficos articulados, no seu conjunto ou em algum aspecto, aos infoterritórios e/ou aos ciberterritórios, denominam-se territórios mediatizados, salienta Martinuzzo (2016).

Jornalismo e territorialidades contemporâneas

Do papel para as malhas digitais da informática, a revolução tecnológica das últimas décadas do século XX afetou diretamente o campo comunicacional, notadamente o jornalismo. Coletar, investigar, analisar informações e produzir profissionalmente uma versão dos fatos, como Traquina afirma (2005, p. 22), “é uma atividade intelectual”.

Essa atividade de construção de notícias caminha rumo à massificação, como um negócio capitalístico, ao menos desde o surgimento do *penny press*, os jornais vendidos a centavos, em meados do século XIX, nos Estados Unidos, chegando à digitalidade contemporânea como parte de uma indústria midiática transnacional, ocupando mesmo um lugar central no modo de produção atual.

E em analogia ao que explica Rogers (2016), na diferença do que é digital e digitalizado, compreende-se que a atividade jornalística clássica não nasceu no *locus* da internet e sim “migrou” para o suporte, com todas as suas especificidades, desde a concepção do texto até a parte gráfica, por exemplo, que ali puderam ser concebidas e adaptadas.

É o que Santaella (2003) também enfatiza ao afirmar que o surgimento de dispositivos tecnológicos e máquinas, como o computador, por exemplo, na chamada ‘Revolução digital’, desde meados dos anos 1990, possibilitou essa transitoriedade não-linear dos processos comunicativos, permeando as relações sociais com uma experiência mediatizada da vida cotidiana.

Nesse sentido, este trabalho ensaístico busca pensar como se estabelece o jornalismo “nativo” no território da digitalidade, ou no ciberterritório, e suas conexões com a

territorialidade geográfica, a partir de reflexão teórica e de estudo de caso do jornal *on-line* capixaba Século Diário.

O Século Diário

Segundo Sarmiento e Souza (2018), com o slogan “Ninguém é indiferente ao fato” e declarando-se com postura editorial independente face à mídia dominante do Espírito Santo, o ciberjornal Século Diário (www.seculodiario.com.br) é oriundo da extinta Revista Século. Com redação (aparato físico) sediada em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, traz pautas predominantemente regionais.

Sempre de acordo com Sarmiento e Souza (2018), o Século Diário foi fundado em março de 2000 por Stenka do Amaral Calado juntamente com José Maria Batista, ambos falecidos, a convite de Rogério Medeiros (atual diretor responsável), três jornalistas veteranos.

Apesar de possuir estrutura de empresa capitalista, com quadro de diretores e jornalistas por formação e fotógrafos, privilegia a representação em seu conteúdo de temas ligados aos trabalhadores, minorias étnicas, como quilombolas e indígenas e grupos excluídos da sociedade capixaba, além de pautas de contestação da ordem política estadual (SARMENTO, SOUZA, 2018).

Para Saquet (2015), o território é visto como construção coletiva e multidimensional, com múltiplas territorialidades, sendo impossível negligenciar suas características plurais, naturais, históricas e relacionais.

Dessa forma, consideremos como “midiatizada” a territorialidade do jornalismo do Século Diário, tendo em vista que “trata-se de amálgama de territorialidades, nos quais as vivências atadas às superfícies físicas se conjugam à experiência conectada ao tecido narrativo-comunicacional para criar um *continuum* territorial específico, o midiatizado, misto do geográfico-territorial com o comunicacional” (MARTINUZZO, 2016, p. 15).

Vale notar que aquilo que a tecnologia veio sacramentar em tempos hodiernos, ou seja, os territórios e as territorialidades de híbrida composição geográfico-comunicacional, dialoga com a lógica cultural apontada por Peruzzo (2018), segundo a qual a informação da mídia local se ancora num território, não só geográfico, mas de pertença e identidade e sua visibilidade depende da política editorial de cada veículo.

Considerações finais

Os aparatos tecnológicos não são acontecimentos circunscritos à atualidade e muito menos implicam, por si só, novidades automáticas nas sociabilidades em que se inscrevem.

A humanidade nasceu também por mãos de técnicas ancestrais e supor que, diante de mesmerizantes formas tecnológicas atuais, teremos, por tabela, uma nova humanidade, do ponto de vista ético-político, é caminho enganoso.

Dada a corrente contingência tecnológica, econômica e sociocultural, o que se tem de concreto é que, no âmbito de interesse deste artigo, temos novas territorialidades a investigar. Dentre essas, temos, conforme Martinuzzo (2016), as infoterritorialidades, e suas ciberterritorialidades e territorialidades midiáticas.

Pelo que se pôde depreender deste estudo ensaístico, o jornalismo nativo dos

ciberterritórios, como é o caso do *Século Diário*, por seu alcances, repercussões e conexões de pauta, pode ser visto como um fenômeno da territorialidade midiaticizada, aquela em que as experiências dos ciberterritórios se conectam com o território geográfico, dinamizando-se mutuamente.

Os novos fenômenos de territórios/territorialidades são um desafio aos pesquisadores de comunicação, assim como para os agentes históricos de produção da vida, como os jornalistas e as empresas jornalísticas, sendo mesmo a questão do trabalho e dos empreendimentos capitalísticos um capítulo à parte nas demandas de estudo da contemporaneidade.

Por fim, salienta-se que existência requer um território, que não é dado, mas construído. O movimento histórico de produção de um lugar para viver (o território) implica as territorialidades, que são, pois, a organização da vida concernente ao território, em quaisquer suportes/ambientes/paisagens aos quais se façam menções (físico-material, informacional, midiaticizado, etc.), tendo a comunicação como ponto central de sua ocorrência.

Referências

CASTELLS, M.. **O Poder da Comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

MARTINUZZO, José Antonio. Prólogo: Territorialidade: o que é isso? In: MARTINUZZO, José, TESSAROLO (Orgs.). **Comunicação e Territorialidades**: as pesquisas inaugurais do primeiro Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Espírito Santo. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo. Departamento de Comunicação Social, 2016.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Mídia regional e local**: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/8637/6170>. Acesso em 14 nov. 2018.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades** uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

ROGERS, R. O fim do virtual: os métodos digitais. In: **Revista Lumina**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Universidade Federal do Juiz de Fora. v. 10, n. 3, 2016.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, M. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único a consciência universal. Rio de Janeiro, São Paulo: 6ª edição, Editora Record, 2001.

SARMENTO, P.B; SOUZA, R.B.R. O Jornalismo Popular Alternativo do *Século Diário*: contra-hegemonia na imprensa capixaba online. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2018 (**Anais**). Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0165-1.pdf>. Acesso em 29. dez. 2018.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.